

CONCEITO

A espessura da casca traz parte da Série Meus, onde Cristina vem criando esculturas têxteis de suas próprias roupas. A composição arrisca-se a andar no fio da navalha do frívolo | bonitinho para acessar camadas mais profundas da experiência humana.

Ocupa-se do corpo, de memória, nutre-se no desejo, equilibra a impermanência.

Fala sobre as estampas do pensamento. Sobre as armaduras que eles fazem.

Sobre essa materialização portátil que carregamos, diariamente, na camada que acrescentamos à pele.

Utiliza-se das roupas, resistindo à tentação de entendê-las como uma tradução do vestuário real, tal qual documentos da realidade e enfeites da carne.

São elas, mais, peles do tempo. Arcabouços de pensamentos materializados. Invólucros que possuem forma, e que se desprendem, ao ressecar. Cascas de arame.

Aquela que Dança fala do suor travestido de glamour. Malha, bandeja, avental. Uma narrativa que gira entorno de diferentes vestimentas, destacando sua evolução de significado. A primeira é associada ao trabalho árduo, aprendizado e processo, enquanto a segunda, apesar de luxuosa, é ironicamente ligada à tarefas domésticas. O terceiro item é um objeto de trabalho usado em atividades cotidianas, sugerindo submissão, mas subvertido pelo luxo. A artista completa a história ao incluir seu próprio avental na instalação, convidando à reflexão para uma narrativa própria. O que você penduraria ali?

Ainda, Calda bordalesa, com a mesma temática, pinça o icônico vestido de seda Figueira, para atrelá-lo ao ambiente de trabalho rural dos colonos que foram trazidos ao sul do Brasil para branqueamento da população, sua identidade, sua cultura, seu trabalho.

A figueira é uma árvore muito presente nesta cultura, assim como seus frutos. Possui um profundo simbolismo cultural em várias tradições ao redor do mundo. Em muitas culturas antigas, as pessoas consideravam a figueira como um símbolo de fertilidade, abundância e renascimento. Além disso, religião e mitologia mencionam a figueira, atribuindo-lhe papéis importantes e representando conceitos como sabedoria, proteção e conexão com o divino.

Em algumas tradições espirituais, é uma árvore sagrada, representando a árvore da vida ou a ligação entre o céu e a terra. Sua longevidade e resistência simbolizam estabilidade e força interior.

De tudo, interessa a produção de sentido das imagens, o espelhamento contemporâneo das práticas culturais, as aberturas dos espaços das artes para a reflexão sobre o gênero, para as diferentes formas de apropriação desses textos não-verbais, sendo a criação da identidade o substrato para esta produção. Através da isca do que não causa estranhamento imediato, Cristina quer mergulhar nos desdobramentos das humanidades, espiar por entre as dobras, absorver o que está subjetivo; ingredientes do jogo social.